

o primeiro erro

sandie jones

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

Para o Rob

Que me ensinou a acreditar que tudo é possível



PRÓLOGO

*E*la olhou para mim com verdadeiro calor nos olhos, como se me confiasse a sua vida, e por um momento julguei que não conseguiria ir para a frente com isto.

Mas então lembrei-me do que ela fizera e senti-me subitamente calma de novo. O que vai, volta, e ela merece tudo o que tem pela frente.

A confiança é uma coisa engraçada: leva tanto tempo a cimentar-se, e contudo quebra-se num segundo.

Ela não deveria confiar em mim — será a sua ruína.

PRIMEIRA PARTE

ATUALIDADE – ALICE



— **S**ophia, vamos — chamei da entrada. — Livvy, onde está o teu trabalho de casa?
Ela bufa e corre para a cozinha. — Pensei que o tivesses posto na minha mochila.

— Sou tua mãe, não tua escrava. Além de que já tens 8 anos, deverias ser mais responsável. — Estou exasperada, conquanto, na verdade, de bom grado lhe carregaria a mochila escolar por mais dez anos se isso significasse poder agarrar-me ao meu bebé que, ao que parece, desapareceu num piscar de olhos. Como perdera eu esse tempo?

— Aqui — exclama ela. — Tens a minha touca da natação?

— Olivia! Oh, por amor de Deus, hoje é dia de natação?

Ela espeta uma anca para o lado e pousa a mão na outra, com toda a picardia da sua irmã de 15 anos. — Hã, sim, é quarta-feira.

— Corre depressa lá acima, vê na primeira gaveta do teu móvel. Eu conto até cinco e tens de estar de volta entretanto. Sophia, vamos lá. — Já estou aos gritos no fim da frase.

O que faz a minha filha mais velha lá em cima, não sei. De dia para dia parece levar cinco minutos mais a alisar o cabelo, passar *kohl* preto sob os olhos, aumentar os lábios com *gloss volumizador*, ou seja lá o que for que ela usa. Está inegavelmente deslumbrante quando acaba por aparecer, mas será tudo aquilo realmente necessário para a escola?

— Não consigo encontrá-la — grita Olivia.

— Estamos atrasadas — berro eu, antes de bufar escada acima. Sinto um peso no peito, uma mola bem comprimida, enquanto vasculho por entre meias e cuecas. — Se a encontro aqui... — digo, não chegando a terminar a frase, pois não estou bem certa do que ameaçar. — Usaste-a na semana passada?

— Sim — diz ela baixinho, ciente da minha disposição.

— Bem, lembras-te de a ter trazido para casa?

— Sim, de certeza — diz ela com confiança, sabendo que qualquer outra resposta me fará explodir.

O aperto no meu peito suaviza-se quando avisto a touca de borracha mate no canto de trás da gaveta. — Ótimo — digo em surdina, antes de acrescentar enquanto corro escadas abaixo: — Livvy, tens mesmo de acordar. Sophia, estamos a entrar para o carro.

— Já vou — berra ela, indignada, como se já o tivesse dito três vezes. Com a música com aquele volume tão alto, como é possível saber?

Ela senta-se amuada no lugar do passageiro e baixa instantaneamente a pala para se inspecionar ao espelho durante o percurso.

— Não passaste já a última hora a fazer isso? — pergunto.

Ela estala a língua e empurra a pala para cima com toda a pose possível.

— A que horas chegas a casa logo? — pergunto, dez minutos mais tarde, quando me inclino e ofereço a cara. Ela beija-a com relutância, coisa que apenas tornou a fazer desde que acordámos em eu estacionar a uma certa distância da escola.

— Há aula de revisão de matemática, pelo que provavelmente irei — diz ela. — O que há para o jantar?

Acabámos de tomar o pequeno-almoço, estamos pelo menos a quatro horas do almoço, e ela quer saber o que há para o jantar? Revejo mentalmente o frigorífico. Não parece ter grande coisa saudável. Pode ser que dê para improvisar uma massa qualquer, na melhor das hipóteses.

— Do que gostarias tu? — Sorrio.

Ela encolhe os ombros. — Sei lá. Qualquer coisa boa?

Puxo-a para mim e beijo-lhe o cimo da cabeça. — Vai lá, vai. Eu passo pelo Marks and Spencer se tiver tempo.

Ela sorri e sai do carro. — Até logo, Livvy míni.

— Adeus, cara de caca — ri-se a irmã mais nova do banco de trás.

Baixo a janela quando passamos por ela e chamo-a, mas ela já está vidrada no telemóvel, cega e surda a tudo o mais à sua volta. — Olha para cima — digo-lhe silenciosamente. — Nunca se sabe o que poderás perder.

Olivia e eu damos uma pequena corrida até à escola, o que não é fácil com estes saltos. — Adoro-te — digo, quando ela corre a juntar-se a um jogo de netbol no recreio, sem olhar para trás.

— Senhora Davies, posso dar-lhe uma palavrinha? — chama a professora Watts do outro lado do pátio. Evito propositadamente o contacto visual. Não tenho tempo para isto. Olho para o relógio, a fim de lhe dar a saber que estou sob pressão.

— Desculpe, não levará um minuto — diz ela. — Importar-se-ia de vir para a sala de aulas?

Olho de novo para o relógio. — Estou a ficar atrasada, podemos falar aqui?

— Claro. É só que... — olha sub-repticiamente à volta, mas é suficientemente cedo para não haver muitos outros pais e mães que nos possam ouvir. — É só que tivemos um pequeno incidente ontem, no recreio.

Sinto um baque no coração e apercebo-me de que franzi o sobrolho. — Que espécie de incidente? — pergunto, forçando-me a permanecer calma.

A professora pousa uma mão tranquilizadora no meu braço, embora dê a sensação de tudo menos isso. — Oh, nada de grave — diz. — Apenas uma briga entre algumas alunas. — Revira os olhos. — Sabe como podem ser as raparigas.

— A Olivia esteve envolvida? — pergunto.

— Aparentemente, sim. Houve uma troca de palavras desagradáveis, e a Phoebe Kendall diz que a Olivia ameaçou não brincar mais com ela. Estou certa de que nada mais foi do que quezílias de recreio, mas a Phoebe ficou um bocadinho abalada.

Imagino que sim. — A Olivia não mencionou nada ontem à noite. Falou com ela?

— Dei-lhe uma palavrinha ontem — confirma, olhando novamente à volta antes de continuar em tom abafado. — Só que não é a primeira vez que a Olivia esteve envolvida numa altercação deste tipo.

Olho para ela, tentando decifrar o que lhe vai por trás dos olhos. — Oh! — é tudo o que consigo dizer.

A professora Watts chega-se mais a mim. — Ela normalmente é uma criança tão alegre e fervilhante de vida, desejosa de ser amiga de toda a gente, mas nestas últimas semanas...

Vasculho o cérebro, perguntando-me o que teria mudado. — Eu falarei com ela... verei o que se passa.

— Talvez fosse útil vir para conversarmos um pouco — diz ela, inclinando a cabeça para um lado. O seu sorriso condescendente faz-me lembrar uma terapeuta que tive em tempos. A que me pedia para fechar os olhos e imaginar que estava deitada numa praia deserta, com o sol a aquecer-me a pele e o suave ondular a marulhar aos pés.

Não voltei lá. Tratar-me como uma criança de 5 anos não funcionou na altura, e certamente não irá funcionar agora.

— Gostaria de a ver e ao senhor Davies hoje depois das aulas, se estiverem disponíveis — continua a professora Watts.

— Receio que Nathan... o senhor Davies esteja fora em trabalho. Regressa esta tarde.

— Ah, tudo bem então, talvez noutra ocasião — diz ela. — Estou certa de que não é nada para preocupação, apenas algo em que temos de ficar de olho.

— Claro — digo, antes de rodar nos calcanhares e instantaneamente esbarrar com um grupo de miúdas a jogar à macaca. — Eu falei com ela logo.

Apresento as minhas desculpas às crianças enfadadas, à medida que atravesso em bicos de pés os números garridamente pintados no alcatrão.

— Uau, pareces um bocadinho produzida para esta hora da manhã — chama Beth, ao passar por mim de ténis e confortável licra, com a filha Millie a reboque.

— Ei, beleza — digo para a miúda de 8 anos e ar petulante. — Tudo bem?

— *Ela* levantou-se tarde — replica Millie, revirando teatralmente os olhos na direção da mãe. — E agora pagamos *todos* por isso.

Beth vira-se para trás e deita-nos a língua de fora. — Deixa-me largar esta pequena *madame* e depois vou contigo.

Dou uma palmadinha no relógio. — Estou a ficar atrasada — digo-lhe nas costas. — Apanho-te mais tarde. — Mas ela já desapareceu e está a deixar Millie no pátio. Começo a afastar-me, sabendo que uns segundos depois ela estará ao meu lado.

— Então, onde vais tu toda aperlaltada? — pergunta, meio acusadora, ao apanhar-me. Baixo os olhos para a minha saia preta — um bocadinho justa, concedo. E para o meu *top* vermelho — talvez um bocadinho decotado. Mas o casaco cobre-me parcialmente. Subitamente consciente do que a professora Watts poderá ter pensado, cinjo-o ao corpo.

— Tenho de ir a algum lado para caprichar? — Rio com ligeireza, embora Olivia continue a atormentar-me o cérebro.

— Tudo o que não seja pijama ou roupa de ginástica é anormal a esta hora do dia — diz Beth. — Por isso sim, tu com esse aspeto, quando nós meras mortais não tivemos sequer tempo para lavar os dentes, não é realmente justo, e definitivamente não deveria ser permitido.

— É apenas a minha indumentária normal de trabalho — digo. — Nada de extraordinário.

O meu rosto ruboriza-se e ela ergue as sobrancelhas. Quem estou eu a tentar enganar?

— *Eu* acredito em ti, ainda que outras mil não o fizessem — diz ela, piscando-me o olho.

Sorrio, mas sinto o calor subir-me às faces. — Ouviste alguma coisa de as miúdas brigarem ontem?

Ela olha para mim intrigada e abana a cabeça. — Não, porquê, o que aconteceu?

— A professora Watts disse-me mesmo agora que algumas delas se desentenderam. Ao que parece, a Phoebe e a Livvy estiveram envolvidas. Perguntava-me se a Millie te terá contado alguma coisa.

— Não, mas posso perguntar-lhe, se quiseres.

— É provavelmente melhor não fazer disto mais do que é de momento — digo eu. — Vou esperar a ver se a Livvy o menciona.

— *Okay*. Ainda estás a fim de amanhã à noite?

— Definitivamente! O Nathan volta hoje e já sabe que fica encarregado do *babysitting*.

— É isso mesmo que eu gosto de ouvir! — diz ela, rindo-se. — Um homem que sabe onde é o seu lugar.

— Onde é que te apetece ir? — pergunto. — Vamos até à cidade ou queres ficar por aqui? Há um sítio novo acabado de abrir no Soho. O Nathan foi lá com um cliente e delirou.

— Por mim tudo bem, podemos tentar. Embora, por falar nisso, só recebo o ordenado daqui a três dias, de maneira que, se for caro, sou capaz de ter de deixá-lo para depois disso.

— Nada de preocupações, é oferta minha — digo, e vejo o seu momentâneo semicerrar de olhos. Mordo a língua e desejo de imediato poder engolir as palavras. Odiaria que ela me achasse condescendente, mas gostaria genuinamente de ajudar. O cérebro leva um pouco mais a pôr-se a par da boca e constatar que pode ser preferível uma

sugestão de algo mais em conta do que um jantar exorbitante num restaurante fino.

— Não sejas tonta — diz ela por fim, e eu deixo escapar um suspiro de alívio. — Porque não fazemos uma noite de piza amanhã e vamos à cidade na *próxima* semana?

— Boa ideia — concordo.

2

— **E**ntão, vamos para o *bordeaux* e dourado para a sala de visitas de Belmont House? — pergunto à equipa em meu redor, que contempla os painéis semânticos à sua frente.

— Tentei trabalhar um azul real, com apontamentos brancos — diz Lottie, a nossa *designer* júnior, roendo abstraidamente a ponta do lápis. — Mas não tem nem de longe o requinte do *bordeaux*.

— Ótimo — digo eu, recolhendo os papéis dispersos que espalhara sobre a mesa no decurso da reunião. — Vamos então apresentar-lhes isto e ver o que eles acham. Há mais alguma coisa?

— Eu só tenho umas questões de contabilidade — intervém Matt —, mas podem esperar até o Nathan voltar do Japão.

Olho para o relógio e fico com a respiração acelerada. — Deve aterrar mais ou menos dentro de uma hora, se tudo correr bem. Se se despachar, talvez passe por aqui. Tem a certeza de que pode esperar até amanhã se ele não puder passar?

— Sim, claro — diz Matt. — Não é urgente.

— *Okay*, então se é tudo...? — pergunto, olhando à minha volta para as cabeças que assentem.

— Posso dar-lhe uma palavra rápida? — diz Lottie, deixando-se ficar para trás enquanto o resto da equipa dispersa.

— Claro. — Sorrio. — O que se passa?

— Apenas queria saber se poderia ir consigo à reunião na Belmont House amanhã.

Pondero-o momentaneamente.

— Acontece que tenho carradas de ideias, e sinto mesmo que poderia ter algo a pôr em cima da mesa. — Olha para mim, boquiaberta ante o passo em falso que julga ter dado. — Não que haja alguma coisa de errado com o que já se encontra em cima da mesa — apressa-se a acrescentar. — Está lá *tudo e mais alguma* coisa, rematado com um grande laço dourado e a assinatura Alice Davies... — Divaga, e eu aguardo de sobranceiras erguidas.

— Não vejo porque não — digo, quando ela se detém para respirar. — Com efeito, até podes liderar, se quiseres.

Escapa-lhe da boca um guincho involuntário que finjo não ouvir, ainda que me faça sorrir.

Não posso deixar de me maravilhar ao ver aonde ela chegou no pouco tempo desde que trabalha aqui. Era calada que nem um rato quando se juntou à AT Designs, mal conseguindo olhar alguém nos olhos. Lembro-me de lhe perguntar na sua entrevista onde se via dali a dez anos, e de ela sussurrar humildemente: «Sentada na sua cadeira.» A justaposição das suas palavras e da sua atitude quase me tinham feito cuspir o café. Só por isso conseguira o lugar.

Mantivera-se quase muda durante uma semana, apenas assentindo e abanando a cabeça em alturas pertinentes, mas eu sabia que ela estava algures lá dentro. Vira-o, embora Nathan se recusasse a acreditar em mim.

— Digo-te, escolheste a candidata errada — dissera ele ao jantar, no segundo dia. — Nós precisamos de alguém com o seu quê... Ela não vai ser sequer capaz de interagir com os clientes.

Eu sorria e abanara a cabeça. — Ela é jovem e tímida, mas silenciosamente ambiciosa, e tem um verdadeiro faro para o *design* de interiores. Faz-me lembrar alguém que conheci em tempos.

Ele sorria pesarosamente. — Dou-lhe duas semanas.

Seis meses depois ela saiu verdadeiramente da casca. Não só é capaz de interagir com os clientes como está a trabalhar num ou dois pequenos projetos sozinha.

— Não direi «Bem te disse» — murmurara em surdina para Nathan, quando ela apresentara as suas ideias quanto a um novo conceito de restaurante que íamos propor na semana passada.

— Espertalhona. — Ele sorria, os seus olhos azuis não se desprestando de Lottie.

Não havia como negar que eu sentia uma minúscula satisfação por

levar a palma a Nathan. A nossa amigável competitividade fazia parte de quem éramos, fosse no trabalho, numa partida de ténis ou a jogar às charadas com as miúdas. Mas a emoção prevalente era de alívio; de em Lottie eu ter acaso encontrado uma protegida que me pudesse tirar a pressão de cima. Nathan era, é, brilhante a manter o lado comercial da empresa sobre rodas. Está em melhor forma agora do que nunca. Mas até Lottie se ter juntado a nós, eu era a única criativa, e ter alguém a quem recorrer, que aligeire a pressão, significa que tenho dormido um bocadinho melhor à noite.

Embora não seja pessoa para admitir uma derrota, Nathan obviamente concede que ter Lottie connosco está a fazer a diferença, já que mesmo antes de partir para o Japão propusera que lhe aumentássemos o ordenado.

— Ela vale o seu peso em ouro — dissera ele no *hall*, com o saco de viagem na mão. — Devias tê-la visto na reunião com as Cozinhas Langley. Tinha-os a comer-lhe na palma da mão.

— Hã, não tens de mo dizer — declarara eu, rindo. — Fui eu quem *to* afiancei, lembra-te.

— Se tivesse pensado nisso antes, ter-lhe-ia pedido que me acompanhasse ao Japão.

— *A sério?* — Fiquei espantada, embora não percebesse lá muito bem porquê. Fora minha escolha não ir.

— Ainda não é tarde se quiseres vir comigo — dissera-me ele gentilmente, tomando-me nos braços.

— Não sejas ridículo. — Afastara-me, com o coração a martelar-me dentro do peito. — Claro que não posso ir, tenho as miúdas em que pensar.

— A tua mãe ficaria com elas num piscar de olhos, sabes isso.

A minha mente percorrera freneticamente tudo a que teria de me sujeitar para entrar naquele avião com ele. Fiquei sem fôlego quando o pânico se insinuou através de cada fibra nervosa, deixando-me as pontas dos dedos dormentes.

— Já discutimos isto — respingara eu.

— Estou apenas a dizer que ainda há tempo — dissera ele, largando-me. — É tudo.

— Vemo-nos na quarta-feira — replicara eu. — Diverte-te.

— Como posso fazê-lo sem ti ao meu lado? — perguntara ele, desolado.

— É o Japão, como podes deixar de fazê-lo?

— Porta-te bem — dissera ele com um piscar de olho, ao encaminhar-se para o seu carro na entrada.

— Liga-me mal aterrares, sim?

Como não tivesse notícias dele, telefonei-lhe freneticamente para o telemóvel a intervalos de minutos, enquanto as histórias de horror se desenrolavam na minha imaginação. O avião caíra, houvera um terramoto no Japão, um tsunâmi. Quando finalmente conseguira apanhá-lo, convencera-me de que não havia sequer a mais remota possibilidade de que ele ainda estivesse vivo.

— Oh, meu Deus — gritara, quando ele finalmente atendera. — Estás bem?

— Peço muita desculpa, querida — dissera ele com voz rouca, como se eu o tivesse acabado de acordar de um sono profundo. — Recebi uma chamada mal saí do avião e quando cheguei ao hotel apaguei por umas horas.

— Pensei que te tinha acontecido alguma coisa — confessara-lhe, ainda com uma certa histeria na voz, embora o peito tivesse parado de me doer.

— Não foi minha intenção preocupar-te — declarara ele pacientemente. — Estou perfeitamente bem.

Ouvi cubos de gelo a tilintar num copo.

— Estás a postos para a grande reunião de amanhã? — perguntara eu. — Tens tudo de que precisas?

— Sim, a Lottie enviou-me tudo e tenho aqui todas as tuas maquetes. Farei conversa com eles enquanto vemos o esquema e certificar-me-ei de que afinaremos todos pelo mesmo diapasão.

— Mesmo que não afinemos, estou disposta a fazer concessões — disse eu, rindo nervosamente. — Eu quero mesmo isto, Nathan. Este negócio pôr-nos-á a par dos grandes.

— Onde tu mereces estar.

— Onde *nós* merecemos estar.

— A AT Designs é o *teu* bebé — dissera ele. — Foi a tua visão e de Tom que deu início a tudo isto.

— Até pode ser, mas ter-te a meu lado nestes últimos anos fez dela o sucesso que hoje é. Apenas sei que podemos ir ainda mais longe.

— É um empreendimento gigantesco, Alice. Tens a certeza absoluta de que o podes levar a cabo?

Eu percebera o que ele estava a insinuar, e deixara-me subjugar pela enormidade da tarefa. Mergulhei na sensação por um bocadinho, tal como tinha feito uma centena de vezes antes, à espera de ver como se apresentaria.

— São vinte e oito apartamentos — continuara ele, como se lesse os meus pensamentos. — De longe o nosso maior trabalho. Pensas honestamente que podes dar conta dele?

— Sem dúvida — respondera eu, a minha voz determinada desmentindo o pânico que sentia na boca do estômago. — Nunca estive mais pronta para outra coisa na minha vida.

E falava verdade na altura, com um ou dois copos de vinho dentro de mim. Mas agora, passados três dias, não me sinto assim tão confiante nas minhas aptidões ou emoções. Nada mudou durante esse tempo, pelo menos de forma tangível. Mas hoje a sensação é simplesmente diferente, como se a montanha-russa em que ando incessantemente tivesse passado à desfilada pela plataforma de saída, onde tudo está calmo e ordenado, e parado no topo do circuito, comigo ali suspensa de cabeça para baixo, à espera de ser resgatada.

— Tem tudo de que precisa para a sua reunião com a Temple Homes? — pergunta Lottie agora, interrompendo-me os pensamentos.

— Acho que sim — digo, dirigindo-me à minha secretária. — É definitivamente com David Phillips que me vou encontrar?

— Sim, ele pediu-a a si especificamente. Disse ser um grande fã do seu trabalho.

Sinto uma volta no estômago enquanto pego num dossiê e num bloco-notas encadernado, evitando o olhar de Lottie.

— De facto, ele referiu-se a si como Al — prossegue ela, enquanto eu me concentro em não corar. Embora quanto mais tente, mais vermelha fique. — Tive de lhe baixar a crista e dizer-lhe que o seu nome é Alice. Não suporto quando as pessoas fingem conhecê-la melhor do que conhecem.

Reviro os olhos e esboço um sorriso contido, dizendo silenciosamente: *Ele conhece-me melhor que a maioria.*

Quando o meu GPS me diz que estou a menos de um quilómetro da sede da Temple Homes, encosto e verifico o meu reflexo no espelho retrovisor. Pergunto-me se ele terá mudado — pergunto-me se *eu* terei mudado. Componho o cabelo e afofo a franja com os dedos. Aguento um pouco mais de rímel, pelo que pinto habilmente as pestanas de negro-azeviche, tendo um cuidado extra para as alongar o mais possível com a escova. Um toque de *blush*, uma passagem de batom vermelho e estou tão bem quanto possível, sem o benefício de uma cirurgia plástica ou de ser capaz de fazer voltar atrás o relógio uns vinte anos. O que não me impede de tentar, esticando a pele sobre as faces, interrogando-me para onde terá ido todo esse tempo. Nunca pensei nisso antes, mas lamento subitamente não ter feito alguma coisa, de modo a não parecer muito diferente de quando David me viu pela última vez. Ridículo, bem sei, mas qualquer rapariga quer parecer no seu melhor ao encontrar-se com o seu primeiro amor de novo, não é? Não porque ainda o queira, mas uma parte minúscula dela — *okay*, uma grande parte — quer que *ele* ainda a queira a *ela*.

— Alice, uau, olha para ti — diz ele vindo ao meu encontro na receção. Olha-me de alto a baixo apreciativamente e congratulo-me por ter caprichado mais um bocadinho. Iludi-me a acreditar, enquanto me vestia esta manhã, que a minha *toilette* era apenas uma subtil extensão do que uso normalmente, e contudo fora a primeira coisa em que Beth reparara

ao ver-me, e Lottie comentara igualmente como o vermelho ia bem com o meu tom de pele. Afinal de contas, talvez não fosse tão subtil assim.

— David, bom Deus, não mudaste nada — digo eu, só que mudou, e luto para ocultar o meu choque. Passei estes anos todos a imaginá-lo como era, como se tivesse sido de algum modo congelado no tempo, enquanto eu envelhecia. Mas ele envelheceu comigo. A sua trunfa escura foi substituída por uma careca, tão brilhante que o brilho dos projetores acima dele se reflete nela, e o seu físico perfeito, os músculos bem definidos pelos quais todas as raparigas desfaleciam, foi revestido com o que parecem mais quarenta quilos.

— Então, como tens passado? — diz ele ao beijar-me na cara.

— Bem, mesmo bem.

— Soube do que aconteceu ao Tom. — Conduz-me à sala da administração. — Lamento muito.

As pessoas dizem frequentemente palavras deste tipo quando estão de costas. Têm de algum modo a ilusão de que é mais fácil assim. Pode ser que seja para elas. Mas pergunte a quem tiver passado por isso e dir-lhe-ão que prefeririam que as pessoas fossem frontais, em vez de tentarem varrê-lo para baixo do tapete, ou, pior ainda, evitar o assunto incómodo por completo.

— Então, como vais? — pergunta solenemente.

— Estou bem, obrigada. O negócio vai de vento em popa, portanto está tudo bem.

— E voltaste a casar? — É mais uma afirmação do que uma pergunta e fico espantada, como sempre me acontece quando pessoas que não vejo há anos aparentemente sabem mais a meu respeito do que deveriam. Pergunto-me o que mais saberá ele.

— Sim — digo. — Em alguns aspetos, tenho sido muito afortunada.

— Congratulo-me que tenhas conseguido reconstruir a vida depois do que aconteceu.

Esboço um sorriso fechado. — E tu? — pergunto. Parece indelicado não fazer por parecer minimamente interessada no que se passou na vida dele desde que o vi pela última vez. — Fizeste obviamente da Temple Homes um grande sucesso.

Ele sorri, e os seus olhos desaparecem sob as pregas de pele em seu redor. Não consigo processar devidamente que se trata da mesma pessoa, homem ou rapaz, que me tirou a virgindade numa noite de verão, depois do baile de fim de ano.

— A empresa está a ir mesmo bem — responde. — Mas o meu casamento, infelizmente, foi vítima de tal sucesso.

Baixo os olhos, desconfortável com o rumo pessoal que a conversa tomou. — Lamento ouvi-lo.

— Acontece — diz dele. — Talvez não se possa ter tudo.

— Mas deves estar muito orgulhoso do que alcançaste aqui — digo eu, olhando a sala de administração à minha volta e reparando nos vários certificados de construção na parede.

— Sim — concorda, inflando o peito e endireitando-se na cadeira. — Mas acho que podemos ir mais longe, daí trazer-te aqui. Espero que não te tenhas importado por contactar a AT Designs, mas tenho visto o teu trabalho por aí e estou muito impressionado com o que fazes.

— De todo — digo, sorrindo. — É bom ouvi-lo.

Um telemóvel ressoa por toda a sala e por um momento ignoro-o, pois estou certa de que pus o meu no silêncio. Mas quando continua, e reparo no de David pousado em cima da mesa entre nós, não mostrando sinal de vida, vasculho a minha mala.

— Com licença, desculpa — digo, antes de ver que é Nathan e rejeitar a chamada.

— Então, o projeto da Avenida Bradbury é... — começa David, até que o toque do meu telemóvel nos interrompe de novo.

— Peço mil desculpas, deixa-me desligá-lo. — Rejeito novamente a chamada e tiro-lhe o som, mas o pânico começa já a instalar-se e não consigo concentrar-me em nada do que David está a dizer. Tomo nota de tudo à medida que as chamadas silenciosas continuam a iluminar o meu telemóvel, a minha escrita tornando-se mais frenética.

— *Okay*, deixa então isto comigo — digo, levantando-me numa tentativa de finalizar a reunião prematuramente. — E ligar-te-ei assim que tiver algumas ideias para te apresentar.

— Porque não o fazemos num jantar? — diz ele, agarrando-se à mão que lhe estendi um bocadinho mais longamente do que seria necessário.

— É provavelmente melhor mantermos isto estritamente profissional — digo, meio a rir.

Sem pré-aviso, as mãos dele estão nas minhas nádegas, puxando-me contra ele.

— Ninguém precisa de saber nada — sopra-me ao ouvido. O pungente odor a café permeia-me as narinas e viro a cabeça. Ele apalpa-me

um seio, apertando-o com força. — Emparelhávamos bem, tu e eu. Aposto que ainda o fazemos.

— Nunca *mais* voltes a fazer isso — sibilo, empurrando-o para longe de mim com as duas mãos no seu peito. Ele parece magoado, como se não conseguisse perceber o que fez de errado.

— Mas eu julguei...

— Julgaste o quê? Que só porque estivemos juntos antes disso te dá o direito de o teres outra vez?

— Bem, s-sim — gagueja ele, e preciso de toda a minha determinação para não lhe dar um estalo na cara.

Apresso-me a recolher as minhas coisas de cima da mesa e dirijo-me para a porta. — Isto foi claramente uma perda do meu tempo.

— Mas o projeto... — grita ele nas minhas costas. — E então o projeto? — Não dou resposta, deixando que ele leia nas entrelinhas.

Estou a tremer quando chego ao carro e luto com o fecho, batendo a porta atrás de mim com toda a força da minha indignação. Como se atreveu ele a presumir que isto seria algo mais que uma reunião de negócios?

Baixo os olhos para a minha blusa, com um botão a mais desabotoado, e bato frustrada no volante. — Merda! — grito alto. No que estava eu a pensar? Não sou eu tão culpada quanto ele? Que mensagem passara eu na minha patética tentativa de recapturar um tempo há muito passado? Mas então recomponho-me. Não. *Seja como for* que eu escolha vestir-me, isso não lhe dá o direito de invadir o meu espaço pessoal.

Na minha raiva fulgurante esquecera-me de que Nathan me tentara ligar e, ao olhar para o telemóvel, vejo que perdi doze chamadas dele e uma da escola das miúdas.

— Merda! Merda! — digo com a boca a ficar seca. O meu coração parece bater duas vezes mais depressa.

— Nathan, sou eu — digo bruscamente quando ele atende. — O que aconteceu?

— Onde estás tu? — pergunta ele.

— Acabo de sair de uma reunião — respondo, com voz frenética. — O que se passa? As miúdas estão bem?

— É a Livvy — diz ele.

Sinto que não consigo respirar.

— O q-que se passa? — gaguejo, imaginando já a forma mais rápida de ir ter com ela. Giro a chave na ignição, mas o carro não pega. O pânico

alastra dentro de mim enquanto tento uma e outra vez. Numa fração de segundo de clareza lembro-me de que tenho de pôr primeiro o pé no travão.

— O que aconteceu? Onde está ela? Ela está bem? — As perguntas saem todas em catadupa.

— Ela está bem — responde-me. — Mas teve um pequeno acidente na escola.

— Que espécie de acidente? — pergunto, deixando borracha na estrada ao sair guinchando do parque de estacionamento da Temple Homes e rumar em direção à escola.

— Parece que bateu com a cabeça.

Dói fisicamente quando inalo. — Oh, meu Deus.

— *Okay*, agora escuta-me — diz ele, a sua voz subitamente autoritária. — Quero que respires fundo algumas vezes e te acalmes.

Tento fazer o que ele diz, mas os meus pulmões parecem não funcionar. Não estão a deixar passar o ar de que preciso. As minhas expirações saem em pequenos e acutilantes arquejos, enquanto intento que o aluno de condução à minha frente carregue no acelerador.

— Alice, escuta-me — diz Nathan de novo. — Preciso que abrandes tudo e te concentres apenas em inalar e exalar, longa e lentamente.

Se pudesse fechar os olhos seria mais fácil, mas os carros parecem vir contra mim de todos os lados. Interpondo-se no meu caminho, encostando à minha frente. Soam buzinas, mas não sei dizer de onde vêm ou a quem são dirigidas.

— Estás bem? — pergunta Nathan. Assinto de lábios franzidos. — Alice?

— Sim — digo.

— Queres que continue em linha até lá chegares, ou dou-lhes o recado de que vais a caminho?

— Podes ligar-lhes? — peço.

— Onde estás tu? Quanto tempo demorarás?

— Eu... a-acabei de sair da sede da Temple Homes.

Gaguejo porque genuinamente não me consigo lembrar onde estou, não porque esteja a tentar ocultar seja o que for.

— Onde estás *tu*? — pergunto.

— Acabo de sair do aeroporto e ia direito ao escritório, se não te importares.

— Sim, vejo-te em casa então.

— Liga-me assim que estiveres com a Livvy — diz ele. — Estou certo de que não é nada grave.

Só então me ocorre que ele não sabe da conversa que tive com a professora Watts esta manhã. Pergunto-me se o problema será maior do que qualquer um de nós julgava.

— Eles não parecem lá muito ralados — continua ele. — Provavelmente apenas se preocupam quanto a um traumatismo e precisam de acautelar-se.

Ponho fim à chamada e ligo o rádio numa tentativa de abafar o ruído no meu cérebro.

Quando chego à escola, estaciono no lugar reservado ao diretor e saio, meio a andar, meio a correr, para a recepção, esforçando-me por não parecer como me sinto.

— Ah, olá, senhora Davies — diz Carole, a secretária da escola, tendo o cuidado de fazer uma voz otimista. Tenho a certeza de que eles têm uma pasta a meu respeito com as palavras «Lidar com cuidado — enviou inesperadamente» escritas em grandes letras a marcador vermelho. — Não é nada de preocupante, acontece apenas que a Olivia deu uma pequena queda.

— Ela está bem? — pergunto, seguindo-a através da porta dupla.

O inconfundível fedor de couve cozida paira-me sob o nariz enquanto os meus saltos altos ressoam no chão de madeira polida do refeitório. É o mesmo cheiro da cantina da minha escola há trinta anos, embora não tivéssemos couve cozida nessa altura, e a Olivia não a tenha agora. Eu sei, porque ela memoriza a ementa todas as semanas e diz-me o que vai comer dia a dia. Quase sinto pena dela, que bolo de chocolate e musse de chocolate, a guloseima mensal que então fazia parte da dieta básica das escolas do centro de Londres, já não sejam oferecidos. Mas, mesmo nesses dias especiais, a escola cheirava na mesma a vegetais rançosos, e dou comigo a pensar porque será isso. Tudo para manter o pensamento longe do que estou prestes a enfrentar.

— A tua mãe está aqui — diz a enfermeira da escola, sorrindo para mim. Espero mais ou menos espreitar pela cortina e ser confrontada com Olivia deitada inconsciente na marquesa, com sangue a jorrar-lhe da cabeça.

Sou inundada de alívio quando ela levanta os olhos, com um ar um tanto desolado. Não há sangue, nem ligaduras, nem sequer um hematoma. — Olá, minha menininha — digo, com voz trémula, inclinando-me à sua altura. — Estás bem?

Ela anui, e eu aperto-lhe o joelho, lutando contra a ânsia de a envolver nos braços e inalá-la, não fossem a enfermeira e Carole, que sem dúvida acrescentariam «mãe neurótica» à minha pasta.

— Foi só uma pequena traulitada — diz a enfermeira. — Mas tenha-a ainda assim debaixo de olho. Se ela se queixar de dores de cabeça ou tiver tonturas, deveria levá-la ao hospital.

Sorriso e assinto.

— O que aconteceu? — pergunto quando chegamos ao carro.

— A Phoebe empurrou-me — diz ela lacrimosa.

Visualizo a carinha habitualmente angélica de Phoebe retorcer-se numa careta feia enquanto ameaça a minha filha. Não suporto o pensamento.

— Ela estava a ser má para mim — sussurra Olivia, como se alguém pudesse ouvir. — De maneira que eu fiz o que a mamã me disse para fazer.

Aguardo de respiração suspensa, incapaz de me lembrar do que dissera. Espero ter-lhe dito para dar o troco na mesma moeda.

— Ignorei-a e afastei-me — diz ela.

Não posso deixar de ficar desapontada com o meu próprio conselho.

— Mas ela empurrou-me, e eu caí no chão.

— Bem, isso não é lá muito simpático, pois não? — Tenho o cuidado de manter a voz ligeira, enquanto isso perguntando-me com que rapidez conseguirei uma entrevista com o diretor. — Julgava que a Phoebe era tua amiga. Ela é sempre má para ti?

Ela abana a cabeça, antes de imediatamente assentir. Não estou certa de que ela própria o saiba.

— Só às vezes — admite. — Diz coisas más para tentar fazer-me chorar.

Arredo-lhe gentilmente o cabelo solto do rosto de elfo. — Que espécie de coisas? — pergunto.

Ela encolhe os ombros, como se tentasse tirar-lhes de cima todo o peso do mundo.

— Vá lá, podes contar-me — insisto eu.

— Ela diz que o meu primeiro pai morreu.

Fico momentaneamente sem palavras.

— Mas... mas tu sabes que o Tom era pai da Sophia — digo eu, enquanto ela assente. — Ele não era *teu* pai.

— Eu sei, mas a Phoebe diz que ele era o meu primeiro pai.

Puxo-a contra mim, tanto quanto é fisicamente possível sobre a consola do carro. — Escuta... — começo.

— E... e... ela diz que o meu segundo pai vai morrer como o meu primeiro pai. — Os seus olhos enchem-se de lágrimas e uma grande gota cai-lhe sobre as pestanas inferiores.

— Agora escuta-me — digo assertivamente, fazendo por não passar as minhas próprias tendências paranoicas. — O que aconteceu ao pai da Sophia ocorre uma vez num milhão. Nada disso acontecerá ao teu pai. — Faço discretamente figas.

Ela olha para mim, os seus grandes olhos azuis vidrados de lágrimas. — Prometo — digo eu resolutamente. — E agora, que tal um gelado?

— Boa — guincha ela, esquecida das suas ralações e a tristeza passando dela para mim.